

Soldados mortos na Índia homenageados

Por Rita Ferro Baptista



Foi há precisamente 50 anos, a 19 de Dezembro de 1961, que Portugal perdeu os territórios na Índia. A 17 de Dezembro, cerca de 40 mil soldados invadiram Goa, Damão e Diu para defrontar um exército português de 3500 homens e, em menos de dois dias, deu-se a rendição das tropas lusas.

Esta segunda-feira, cerca de uma centena de militares, familiares e amigos participou na cerimónia de homenagem aos soldados portugueses mortos durante o combate na

Índia, sendo depositada uma coroa de flores junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, em frente ao Forte do Bom Sucesso, em Belém, Lisboa.

«Estamos aqui para evocar essa data e homenagear os mortos que resultaram dessa invasão», disse José Maneiras, um dos militares portugueses que se encontrava na Índia em 1961. «Nós temos a noção de que fomos actores do princípio do fim do Império, tudo começou ali», acrescenta, lamentando que para muitos ainda sejam vistos como «cobardes e desertores».

Esta imagem poderá ter mudado um pouco em 2003, quando estes militares foram reconhecidos pelo então ministro da Defesa, Paulo Portas, tendo recebido uma medalha de mérito e reconhecimento e passado a usufruir uma reforma mensal, tal como outros antigos combatentes, o que não acontecia até há oito anos, mas pela frente há ainda um longo caminho considera o presidente da Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra, Montez Coelho:

- Ainda há quem nos chame cobardolas e esta é uma guerra que temos de travar um a um, dia a dia. Há pessoas que ainda não nos entendem, que não compreendem porque nos rendemos, mas a história vai acabar por nos dar razão. É uma questão de avançar com elementos concretos e precisos do que aconteceu.

«Naquelas 36 horas conseguimos sobreviver mas nem sabemos como. Eu, por exemplo, era comandante no aeroporto e lá caíram centenas de bombas à minha volta, como é que eu ainda estou aqui? Foi um milagre de Deus», lembra Montez Coelho, confessando que «estava preparado para morrer».

Um sacrifício militar

Na cerimónia esteve presente também o presidente da Liga dos Combatentes, o general Chito Rodrigues, que não deixou de lamentar a situação a que se chegou na Índia e à qual os militares

«Cinquentenário da Perda do Estado da Índia Portuguesa»

portugueses foram submetidos, sem meios para ripostar contra as tropas indianas, considerando que este é um dia para homenagear todos os soldados que estiveram presentes em Goa, Damão e Diu:

- Esta é uma efeméride extraordinariamente importante, especialmente para eles, mas também uma efeméride que serve para evocar um momento extremamente difícil para o País, que se pode resumir e deve assumir como um erro político e um sacrifício militar.

Entre Goa, Damão e Diu, terão morrido 23 militares portugueses durante a invasão, os restantes foram feitos prisioneiros de guerra em campos de concentração indianos. Portugal retaliou com a detenção de 12000 indianos em Moçambique, tendo a troca dos reféns acontecido a partir de Maio de 1962. O regresso a Lisboa foi discreto e inglório, o desembarque foi feito sob a mira das armas da Polícia Militar, um dia que também não será esquecido por nenhum dos militares portugueses, restando a esperança de a imagem de cobardes seja limpa.

«A história vai dar-nos razão. As pessoas que agora começam a ouvir testemunhos ficam admiradas quando percebem o que realmente se passou: O quê oito indivíduos contra 300? Foi assim em muitos sítios e a proporção era esta. Isto é como a água e o azeite, a verdade virá ao de cima», diz Montez Coelho esperançoso.

Fotos de Álvaro Isidoro/ASF

Fonte: <http://www.abola.pt/mundos/ver.aspx?id=305192>



«Cinquentenário da Perda do Estado da Índia Portuguesa»



23:53 - 19-12-2011

Fonte: <http://www.abola.pt/mundos/ver.aspx?id=305192>